



REFLEXÕES ACERCA DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NORTEADORAS DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA DO NEADUNI

Mirian Lígia Endo Karolesky (UNIOESTE)¹
mirianlek@gmail.com

Tonie Maria Gregory dos Santos(UNIOESTE)²
toniemsantos@gmail.com

Beatriz Helena Dal Molin (UNIOESTE)³
biabem2001@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo pensar em uma política linguística inovadora, em que o centro é a formação continuada de professores em Língua Estrangeira (LE). Para tanto, selecionamos para a nossa reflexão, o curso de pós-graduação em Língua Inglesa (LI), na modalidade a distância, do Núcleo de Educação a Distância - NEaDUNI -, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste -. Analisamos o projeto político pedagógico (PPP) do curso citado, fazendo uma conexão entre a teoria que ele traz e a prática do real, onde professores, alunos e tutores estejam engajados na construção do conhecimento em um modelo rizomático, partindo da perspectiva Deleuziana. Apresentamos a cartografia do NEaDUNI, com o intuito de entender e situar o território que será abordado. Trazemos reflexões teóricas a partir da concepção do professor e pesquisador Dr. Kanavillil Rajagopalan (2013). Estabelecemos um diálogo entre o autor citado e os autores Dal Molin (2003), Guattari (1996) e Deleuze e Guattari (1995).

PALAVRAS – CHAVE: Política linguística; Língua Estrangeira; EaD; NEaDUNI.

ABSTRACT: This work aims to think of an innovative language policy, in which the center is the continuing education of teachers in Foreign Language (LE). To that end, we selected for our reflection, the postgraduate course in English Language (LI), in the distance modality, from the Distance Education Nucleus - NEaDUNI -, from the State University of the West of Paraná - Unioeste. We analyze the pedagogical political project (PPP) of the mentioned course, making a connection between the theory that it brings and the practice of the real, where teachers, students and tutors are engaged in the construction of knowledge in a rhizomatic model, starting from the Deleuzian perspective. We present the cartography of NEaDUNI, with the intention of understanding and situating the territory that will be approached. We bring theoretical reflections from the conception of professor and researcher Dr. Kanavillil Rajagopalan (2013). We established a dialogue between the author cited and the authors Dal Molin (2003), Guattari (1996) and Deleuze and Guattari (1995).

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE-PR; Doutoranda em Letras; E-mail: mirianlek@gmail.com

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE-PR; Mestranda em Letras; E-mail: toniemsantos@gmail.com

³ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Cascavel, Coordenadora do Núcleo de Educação a Distância da UNIOESTE-NEaDUNI; E-mail: biabem2001@gmail.com



KEYWORDS: Language policy; Foreign language; EaD; NEaDUNI.

Introdução

Para pensarmos sobre o papel do ensino de Língua Estrangeira, tomando como base o ensino da Língua Inglesa, no contexto educacional da Rede pública no Brasil, devemos, antes de tudo, refletir sobre a formação do profissional docente que está à frente desse processo. Para tanto, faz-se necessária uma ponderação sobre os aspectos formativos propostos pelas instituições formadoras.

Buscando refletir sobre uma possível política linguística inovadora que subjaz um processo de formação continuada em Língua Inglesa, tomamos como exemplo a proposta apresentada pelo curso de pós-graduação, ofertado na modalidade a distância, pelo Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, doravante denominado NEaDUNI.

A intencionalidade deste trabalho é buscar indícios a partir da análise do projeto político pedagógico do curso em questão, que se caracterize como uma proposta real de desenvolvimento de professores/alunos autônomos na criação de materiais e recursos didático-pedagógicos, que reflitam um processo de construção de conhecimento rizomático e uma práxis rizomática⁴, diferentemente do sistema arbóreo da Educação tradicional, pois como nos coloca Deleuze e Guattari (2000):

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um

⁴ Entendemos práxis rizomática, ligada ao conceito de Rizoma estabelecido por Deleuze e Guattari (2000), pois conceber uma educação que atenda os padrões de comportamento que a sociedade atual vivencia com o uso da TCD, requer compreender que vivemos em constante deslocamento do que é real e virtual, em redes que estabelecem infinitas possibilidades de conexões, nas quais em cada nó da rede o conhecimento é real, não deixa de ser rizoma, não é apenas uma parte isolada e sim conectada em sua multiplicidade de possibilidades (KAROLESKY, 2015, p. 18).



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD

Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 26 • Nov. 2018

movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 38).

E que desse modo, acene como uma possibilidade de transformação da realidade do Ensino de LE na Rede pública de Educação.

Com o intuito de orientar uma análise sobre conceito de ensino de língua estrangeira e a visão adotada de construção de conhecimento do NEaDUNI, sob um olhar da Linguística Aplicada -LA, trouxemos para esse trabalho as importantes contribuições do professor e pesquisador Dr. Kanavillil Rajagopalan, que nos apontou um caminho interessante de reflexão sobre linguagem e política vinculada ao ensino de LE.

É importante salientar, que nesse momento nos ateremos unicamente na análise da proposta do curso ofertado. A análise do desenvolvimento e resultados atingidos pelo mesmo serão apresentados em outro momento, visto que o curso ainda se encontra em andamento.

O trabalho foi dividido nas seguintes etapas, primeiramente apresentaremos um panorama da cartografia do NeaDUNI, a fim de melhor situarmos o nosso olhar sobre o projeto de curso analisado. Em seguida buscamos uma reflexão teórica sobre as questões apresentadas pelo professor Rajagopalan no seminário avançado, que foi desenvolvido no curso de pós-graduação nível Mestrado e Doutorado da UNIOESTE, e para estabelecermos um diálogo, que abarcasse e elucidasse os preceitos estabelecidos quanto a uma Educação rizomática, buscamos outros pesquisadores como Dal Molin, Deleuze e Guattari, entre outros, que pudessem contribuir para a nossa reflexão.



Cartografia do NEaDUNI

O NEaDUNI vem desenhando sua cartografia a partir de linhas rizomáticas, onde todos os seus integrantes, sejam eles professores, tutores, técnicos ou alunos possam ser agentes do processo de construção de conhecimento.

O NEaDUNI apresenta no seu cerne os princípios do rizoma e da cartografia, que foram adotados dos estudos centrados em Gilles Deleuze e Guattari (1995), que compreendem o processo educacional como um corpo em movimento, que os filósofos tratam como movediço e nômade. O nômade desconstrói o que está posto e faz brotar multiplicidades. O nomadismo tem como principal potencialidade o movimento de gerar desterritorializações. Nesse sentido, existem práticas e modos de vida que podem ultrapassar estruturas constituídas (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Deste modo, a proposta do NEaDUNI é que sua cartografia abrigue uma fisionomia ou rostidade dos seus materiais, bem como concepções do fazer-didático pedagógico ou Experimentação, termo que Dal Molin (2017) explicita como:

A Experimentação apresenta elementos que estão sempre se compondo, são nômades e mutantes e não podem ser representados *ipsis litteris*, portanto rompem com a racionalidade posta. Seria a erva daninha que para Deleuze irrompe por entre as pedras. A Experimentação contempla a presença de elementos singulares e plenos de inter, transdisciplinaridades, de transversalidades que nunca se repetem porque são únicos e acabam por dar origem ao acontecimento da Aprendizência (DAL MOLIN, 2017, p. 7).

A cartografia do NEaDUNI também utiliza o conceito de Aprendizência, que Dal Molin (2003) elucida:

Aprendência entendemos um processo que muito embora expresse naturezas de um fazer diferenciado estão intimamente ligadas ao novo modelo de escola. Esse jogo de alternância e interação deverá ser altamente enfático, acabando de vez com as dicotomias aluno-professor, ensino-aprendizagem, pois aquele que ensina aprende e quem aprende por sua vez ensina, num processo contínuo de construção, porque de resignificação de contextos, numa escola viva/vida (DAL MOLIN, 2003, p. 23).



Pensando nesse movimento de Aprendizagem o NEaDUNI traz como objetivo a elaboração de materiais didáticos, que promovam, na prática, o movimento interdisciplinar, transdisciplinar, transversal e hipertextual, e sejam ferramentas motivadoras da produção de novos conhecimentos, pensando em uma rostidade segundo os preceitos de Deleuze e Guattari (1996) :

Os manuais de rosto e de paisagem formam uma pedagogia, severa disciplina, e que inspira as artes assim como estas a inspiram. A arquitetura situa seus conjuntos, casas, vilarejos ou cidades, monumentos ou fábricas, que funcionam como rostos, em uma paisagem que ela transforma. A pintura retoma o mesmo movimento, mas o inverte também, colocando uma paisagem em função do rosto, tratando de um, como do outro: "tratado do rosto e da paisagem". O close de cinema trata, antes de tudo, o rosto como uma paisagem, ele se define assim: buraco negro e muro branco, tela e câmera. Mas já as outras artes, a arquitetura, a pintura, até o romance: close que os anima inventando todas as correlações. E sua mãe é uma paisagem ou um rosto? Um rosto ou uma fábrica? (Godard). Não há rosto que não envolva uma paisagem desconhecida, inexplorada, não há paisagem que não se povoe de um rosto amado ou sonhado, que não desenvolva um rosto por vir ou já passado. Que rosto não evocou as paisagens que amalgamava o mar e a montanha, que paisagem não evocou o rosto que a teria completado, que lhe teria fornecido o complemento inesperado de suas linhas e de seus traços? (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 36-7).

É com o respaldo dos conceitos apresentados no documento da Cartografia do NEaDUNI e os diálogos estabelecidos com os demais pesquisadores, já elencados, que buscamos analisar o PPP do curso de Pós-Graduação em Língua Inglesa.

Apresentação do Projeto Pedagógico

O Projeto Pedagógico em questão foi elaborado com o intuito da implantação de um curso de especialização em Língua Inglesa, que atendesse, principalmente os profissionais da educação básica, que atuam como professores de LE. Então o público alvo seria todo professor de Língua Inglesa da Educação Básica (Educação Infantil,



Anos Iniciais, Ensino Fundamental e Médio, Escolas de Idioma) que já possuíam o ensino superior, ou seja, que tivessem finalizado um curso de graduação. Deste modo, o curso estabeleceu como propósito o atendimento de profissionais das regiões limítrofes ao Oeste e Sudoeste do estado do Paraná, assim como do Oeste de Santa Catarina e Sudoeste de Mato Grosso do Sul.

Assim, o curso foi desenhado para atender um público de 300 alunos, distribuídos em 10 polos aprovados no Sistema da Universidade Aberta do Brasil, são eles: Foz do Iguaçu, Laranjeiras do Sul, Pato Branco, Nova Santa Rosa, Guaraniaçu, Flor da Serra do Sul, Céu Azul, Dois Vizinhos, Ubiratã e Santo Antônio do Sudoeste.

O projeto elenca como objetivo geral do curso, propiciar reflexões teórico-metodológicas a respeito do ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, assim como atividades práticas, no sentido de promover a formação continuada aos professores em exercício da Educação Básica. E apresenta como objetivos específicos, levar o professor a desenvolver a compreensão dos sistemas fonológico e fonético da Língua Inglesa para poder compreender o processo de desenvolvimento da audição e fala do aluno na língua estrangeira, capacitar o professor/aluno para compreender a formação da consciência fonológica em LI, bem como identificar as diferentes metodologias existentes para saber qual melhor se aplica em “seu contexto”, neste ponto é relevante refletirmos sobre a importância da construção do conhecimento do professor/aluno, a partir da sua prática, ou seja da sua realidade de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa, fazendo com que este compreenda as diferenças do ensino de uma língua estrangeira nas diversas faixas etárias.

Outro objetivo também elencado no projeto é o de possibilitar ao professor/aluno a identificação das diferenças e semelhanças ao ensinar a língua estrangeira e a língua portuguesa para aprendizes da Educação Básica, utilizando tecnologia digital em benefício da aprendizagem.

O curso estabelece que o professor/aluno deve assumir posição autônoma, e ser capaz de produzir seus próprios materiais didáticos digitais, e também utilizar-se dos recursos em EaD para o ensino aprendizagem de LI.



No projeto também é abordada a necessidade de compreender a estrutura da língua como elemento complementar ao uso da mesma, e de ser eficiente no emprego dos diferentes gêneros orais em suas aulas, em suas produções textuais, e aprendendo a utilizar diferentes formas de avaliação na LI, e estimular o professor/aluno na criação de ODEA, que possibilitem pôr em prática diferentes abordagens teóricas de aquisição da língua estrangeira.

Para a análise não nos detivemos no projeto todo, mas em partes dele, que julgamos que seriam importantes para a reflexão realizada, desse modo destacamos também a justificativa apresentada para criação do curso.

A ausência de cursos de atualização e especialização que flexibilizam o tempo e o espaço do estudo do docente enfraquecem a formação continuada dos professores e empobrecem e dificultam o ensino do Inglês. Na Educação Básica, principalmente em escolas públicas vem se notando grande desinteresse dos alunos e a consequência é o fracasso na aprendizagem da Língua Estrangeira – LE. Pesquisadores têm se dedicado ao estudo do processo de ensino-aprendizagem nessa fase e esses indicam a necessidade da formação do professor como quesito básico para o sucesso da aprendizagem do idioma. Assim um curso de Especialização em Língua Inglesa a distância vem suprir a grande demanda existente na região elencada para a oferta dessa formação, pois é uma das principais políticas de expansão e inclusão social. É uma forma da Unioeste ampliar suas ações para a comunidade externa por meio da formação continuada de professores. Destaca-se também que o quadro de professores listado para esse curso contempla as exigências para um ensino de qualidade (UNIOESTE, 2017, p. 11-12).

Como levantado pelo texto, a proposta do curso se justifica pela necessidade da formação do professor autônomo na sua práxis pedagógica. Dito isso, passaremos no próximo tópico a refletir sobre o projeto apresentado e as considerações feitas pelo professor Rajagopalan sobre linguagem e política, buscando, desse modo estabelecer um diálogo com princípios que norteiam o trabalho do NEaDUNI.

Diálogo e reflexão com os pressupostos teóricos a partir de Rajagopalan e outros



Durante o contato com o professor Rajagopalan, no seminário desenvolvido em Julho de 2016, ele nos fez refletir sobre o que é política linguística e política da língua, e sobre os vários determinantes que influenciam nessa conceituação.

Pensar na linguagem é uma tarefa abrangente, não basta encaixá-la em um plano separado de todas as outras esferas. A linguagem está relacionada ao meio social de maneira incessante. Assim sendo, muito já foi debatido entre diversos autores sobre a relação da linguagem com a política. Compreendendo todo o processo da linguagem, podemos dizer que ela tem sim relação direta com a política, ou melhor, a linguagem está envolta pela política.

Muitos linguistas, no entanto, quando fazem reflexões sobre a linguagem, não se deixam envolver pelo plano da política, acreditando que esta não tem a ver com a linguagem. Alguns afirmam que preferem ficar distantes de qualquer assunto que envolva política. Rajagopalan (2013), comenta que:

[...] optaram por dar-lhes as costas em nome de preservar o caráter ‘científico’ das suas pesquisas, o que significava, na sua cartilha, se contentar em apenas “descrever” os fatos e jamais se atrever a “prescrever” ações para remediar os males constatados (RAJAGOPALAN, 2013a, p. 2).

Analisando o curso proposto pelo NEaDUNI, percebemos uma profunda preocupação em romper com as amarras estabelecidas pelos modelos de formação arbóreo, uma vez que prescrevem meios para tornar o professor/ aluno em um profissional que, a partir do seu contexto local, a sala de aula onde atua, crie por meio de ODEA possibilidades de mostrar as várias variantes da LI, sem com isso supervalorizar a língua dita padrão.

Ao passo que os estudiosos se dedicam a estudar a linguagem pelo seu caráter científico, alguns pontos são deixados de lado. Eles descrevem os fatos que permeiam a linguagem, mas, por outro lado, não se dedicam a escrever ações que possam ser soluções para o que foi constatado como ponto negativo. “No Brasil, da mesma forma que em muitos outros países, esse fato nem sempre tem sido devidamente reconhecido



em sua plenitude pelos estudiosos" (RAJAGOPALAN, 2013a, p. 2). O mesmo autor complementa:

Mas a verdade é que, conforme já salientamos, a questão política esteve presente o tempo todo ao longo da história, influenciando diretamente a tomada de decisões importantes no que tange às políticas educacionais de forma geral (RAJAGOPALAN, 2013a, p. 3).

No momento em que os estudiosos decidem se ater a um determinado assunto, acabam se dedicando apenas a aquele assunto. Como se tivesse uma regra dizendo: “eu estou pesquisando isso, então não posso estudar aquilo, e nem fazer ligações entre os assuntos em si”. Isso pode ser percebido na delimitação das identidades.

Neste viés também, percebemos o preconceito perante algumas línguas, como indica o autor:

O caso de pidgins e línguas criólas é público e notório. Durante anos a fio, elas foram (e continuam sendo) tratadas como línguas fora do padrão e por conseguinte inferiores. Isso fica claro, às vezes e surpreendentemente, até mesmos em livros introdutórios ao assunto, onde os autores deixam escapar um certo preconceito (RAJAGOPALAN, 2013a, p. 5).

Como notamos, há autores que dizem que certas línguas são “normais” e outras são vistas como anomalias. Isso pode ser percebido nas línguas mistas, como o portunhol, hinglish, franglais, espanglês, dentre outras. Estas são vistas como inferiores, entretanto, o que poucos sabem, é que são línguas que rompem fronteiras e fazem um elo entre culturas. Moita Lopes (2008) contribui neste sentido:

O posicionamento nas margens traz para a discussão a necessidade de re-teorizar o conceito de língua como também o de língua nacional, uma vez que focaliza a língua em uso na fronteira ou nas margens. Essa não coincide com o projeto de fazer uma língua corresponder a um estado-nação e a seus limites territoriais: uma experiência que tem aumentado em um mundo híbrido de fronteiras porosas como o nosso (LOPES, 2008, p. 323 *apud*, RAJAGOPALAN, 2013a, p. 5).



Torna-se importante dar destaque no que o autor disse sobre o pertencimento de uma língua a um estado-nação, em que ela tem limites. Assim, a língua é vista e considerada como um sistema fechado em si, que não faz conexões nem trocas. Rajagopalan (2013) contribui neste sentido:

Em outros trabalhos (por ex. Rajagopalan, 2011b), argumentei que o ódio para com as línguas mistas nada mais é do que uma versão disfarçada do ódio à mistura de raças ou miscigenação. No fundo, quem prega esse tipo de discriminação contra as línguas mistas, contra a ‘miscigenação linguística’, está levando ao cúmulo a metáfora que se difundiu, sobretudo no século 19, que é a metáfora que vislumbra as línguas como verdadeiros organismos biológicos. Ora, se as línguas forem pensadas com naturalidade mediante as metáforas de famílias de línguas, tendo uma língua-mãe, com seus filhotes e línguas-irmãs, não era preciso muita imaginação para se chegar à ideia de certas línguas como filhas bastardas—uma espécie de ‘aberração’ que, na visão de eugenistas auto-proclamados, não deveria nem sequer existir e merecem ser sumariamente eliminadas (RAJAGOPALAN, 2013a, p. 6).

Ponderando sobre as reflexões expostas acima, percebemos no projeto do curso, uma visão pautada na Transdisciplinaridade e Transversalidade, o que evidencia uma preocupação com o momento atual de globalização e conseqüentemente de hidridização das identidades e linguagens. Onde o aprendizado de uma LE vai além do conhecimento da língua em si, perpassa pelas diversas culturas que fazem uso do idioma, dentre elas a cultura do ciberespaço.

Como comenta Rajagopalan (2013), a língua é o que está à frente, mas por detrás dela, há uma história, uma cultura e raças. Isso não pode ser negado ou esquecido. Junto com o preconceito sobre determinadas línguas, está imbricado o preconceito sobre todos os pontos mencionados anteriormente, em que carregam uma miscigenação. Neste sentido, o mesmo autor acrescenta:

Robin Dunbar se destaca como um dos mais comentados antropólogos de atualidade e trabalha com uma perspectiva evolutiva. Ele ficou conhecido no mundo acadêmico e fora dele após colocar em cheque a visão mais divulgada e aceita da origem das línguas, a saber, a tese de que elas teriam surgido da necessidade de se comunicar com maior



eficácia do que os demais meios semióticos. Ou seja, graças à existência das línguas, os seres humanos conseguem se comunicar entre si e formar sociedades. Para Dunbar, as diferentes línguas existem porque o homem tem uma necessidade de distinguir entre seus amigos de um lado e seus inimigos do outro. Os que falam a mesma língua são seus amigos, os que falam línguas estranhas são, em princípio, seus inimigos (RAJAGOPALAN, 2013a, p. 6).

Esta distinção que o homem faz, seria uma espécie de separação entre as línguas e seus falantes. Mesmo que nós não refletimos e pensamos sobre isso, a língua é um sistema comunicacional importantíssimo em nosso meio. Desde as mais simples formas de se comunicar, até a organização de uma sociedade inteira, a língua está presente de maneira incessante. Por isso, torna-se relevante respeitar e aprender com as línguas, pois cada uma tem a sua história e importância.

Pensando na relação entre língua e sociedade que foi comentado, percebemos, mais uma vez, que as línguas estão intimamente ligadas com a política. Esta é parte central dos processos que acontecem nas línguas, como podemos entender pela passagem:

A moral da história não pode ser outra: a questão política está no âmago, na própria gênese da língua. Quer no seu sentido abstrato ou genérico, quer no seu sentido individualizante, o conceito da língua sempre esteve repleto das conotações políticas. A própria história da linguística, uma ciência erguida com toda pompa e circunstância para ser um discurso neutro e ideologicamente isento jamais conseguiu se desvencilhar dos interesses ideológico-políticos operantes ao longo de diferentes momentos cruciais da sua história (RAJAGOPALAN, 2013a, p. 6).

No Brasil, ainda falta uma política clara e eficaz em relação ao ensino de línguas estrangeiras. Devemos reconhecer que, esta falta de preparo para o ensino de determinadas línguas, vem desde o império. Cabe lembrar também que, as autoridades tiveram influência neste processo, como menciona Rajagopalan (2013):



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD

Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 26 • Nov. 2018

Outra forma de entender esse atraso é admitir que, em larga medida, as nossas autoridades se contentaram em apenas reproduzir o que foi feito no exterior e, o que vem ser pior ainda, fez deste modo de agir uma prática rotineira. A justificativa por trás dessa atitude, nunca posta nestes mesmos termos, pode ser caracterizada, contudo como o seguinte: se deu certo lá fora, não há razão alguma que não deva dar certo aqui dentro, entre nós também. O fato incontestável de que as peculiaridades da nossa situação eram marcadamente diversas das dos países lá fora (leiam-se, principalmente países mais bem desenvolvidos da Europa e da América do Norte) não fez com que os defensores da prática desconfiassem dela em momento algum (RAJAGOPALAN, 2013a, p. 10).

O modelo seguido por outro país não se encaixa, necessariamente, no Brasil, pois cada nação tem as suas particularidades. Entretanto, temos como costume valorizar mais o produto que vem de fora, principalmente, quando se fala em Europa.

O que permanece inalterado em larga medida é a aceitação fácil e, muitas vezes, acrítica, das posições que foram assumidas, defendidas e propagadas no mundo lá fora. Isso talvez tenha a ver com a prática já consagrada de supervalorizar tudo o que vem de fora, notadamente da Europa, aliada a uma certa desconfiança em relação a nossa capacidade e competência de desenvolver posições e propostas próprias, especificamente moldadas para atender às nossas necessidades e às peculiaridades da nossa realidade. Como é sabido, as idéias apressadamente “importadas” do exterior, com frequência, não levam em conta, conforme já disse, as especificidades e as peculiaridades das condições em que se encontram os ditos países “periféricos”, entre os quais, infelizmente, o nosso. A título de exemplo, tomemos o caso do ensino da língua inglesa no Brasil (RAJAGOPALAN, 2013a, p. 11).

Dentre tais pontos levantados como “impróprios” para o ensino de línguas, podemos dizer que há sinais de mudança, felizmente.

Há uma consciência crescente em diversas partes do mundo que as políticas educacionais devem colocar os interesses nacionais em primeiro lugar, atendendo-se às prioridades geopolíticas que a nação elegeu. Deve haver uma perfeita sintonia entre a política educacional—e isso inclui a política de ensino de línguas—e o projeto geopolítico na qual a nação se encontra inserida. Ao invés de a



linguística teórica ditar as práticas relacionadas às políticas linguísticas e, por conseguinte, *a fortiori*, ao ensino de línguas (cf. Rajagopalan, no prelo-1, prelo-2), hoje em dia percebe-se que todos aqueles envolvidos de uma forma ou de outra na educação devem atentar para à esfera política, o lugar onde tais questões devem ser debatidas e postas em prática (RAJAGOPALAN, 2013a, p. 14).

O ensino da língua materna ou estrangeira era tratado como assunto da Pedagogia ou da Linguística. Rajagopalan (2013) explica esta questão:

[...] notável que, nos seus tempos primórdios, a área que hoje denominamos “Linguística Aplicada” se contentava em aceitar de bom grado a autoridade incontestada do linguista em legislar, em deter a última palavra sobre o objeto do ensino da língua em questão, enquanto que não via nada de errado em deixar todo o que diz respeito ao ensino ao pedagogo, aceitando para si o lugar humilde de simples condutor entre os dois campos de conhecimento, a Linguística e a Pedagogia, encarregado de transmitir para os professores na sala de aula os grandes ensinamentos produzidos nos dois campos (RAJAGOPALAN, 2013b, p. 2).

A Linguística Aplicada não tinha a sua importância como hoje. O caminho era começar pela teoria linguística ou procurar soluções para o ensino de línguas. Hoje, este ensino é pensado de maneira que a prática, a realidade, o contexto histórico e a cultura de um povo são levados em consideração e possuem uma importância significativa, assim como a teoria. Ademais, o ensino de uma língua não pode ser pensado apenas como parte da Linguística e da Pedagogia. O ensino da língua abrange diversas áreas, rompe fronteiras e cria miscigenações, tendo como base central a política. Rajagopalan complementa neste sentido:

Muito já se mudou desde aqueles tempos na forma de encarar o ensino de línguas. Hoje em dia, existe uma percepção largamente compartilhada entre os pesquisadores de que há um componente nítido e inconfundivelmente político em matéria de ensino de línguas. Acredito que o ensino de línguas deve ser visto como um desdobramento da política linguística posta em prática num determinado país (RAJAGOPALAN, 2013b, p. 4).



Assim sendo, concordando com o ponto de vista do autor, podemos dizer que a língua não é um objeto acabado, já consumado. Muito pelo contrário, a língua é um produto cultural, aberto, flexível e atravessado pela política. As línguas estrangeiras, que fazem parte do currículo escolar, dizem muito sobre o reconhecimento que a criança tem sobre sua própria identidade. Por isso, é preciso refletir a estrutura da política linguística de cada nação.

Rajagopalan (2012) em seu artigo que trata do papel eminentemente político dos materiais didáticos de inglês como LE, no início do seu texto nos coloca:

Durante muito tempo e, até bem recentemente, pensava-se que o ensino de línguas, quer materna quer estrangeira, deve ser encarado como uma atividade caudatária de uma ciência de linguagem, isto é, uma ciência solidamente bem fundamentada como a Linguística. Ou seja, antes de ensinar uma língua, o professor deve se munir de uma compreensão abrangente e rigorosamente científica da língua que se pretende ensinar. Esse era o pensamento vigente, por exemplo, na época em que a Linguística Aplicada (LA) estava se firmando como uma subdisciplina em franca ascensão – logo depois da Segunda Guerra Mundial e, mais especificamente, nos fins da década de 1960 (RAJAGOPALAN, 2012, p. 57).

Como colocado pelo professor Rajagopalan (2012), esse pensamento de que o professor somente poderia ensinar uma LE, se possuísse um amplo conhecimento científico da língua a ser ensinada, perdurou por um bom tempo, e infelizmente, foi tratado como verdade por vários linguistas de destaque.

Mas os tempos “felizmente” mudaram os ares, levando tal pensamento para longe, e trazendo novos ares para a Linguística Aplicada, que já tem assumido a percepção de que o professor não precisa ficar submisso ao que apregoa a Linguística dita “pura”.

Nesse ponto percebemos no projeto de curso do NEaDUNI uma visão que corrobora com as reflexões aqui tratadas, pois apresentam como um dos seus objetivos colocar o professor/aluno na posição de criador dos seus materiais didático-pedagógicos, pensando no desenvolvimento de um processo autônomo e nômade na concepção trazida por Deleuze e Guattari (1997), que dizem: “é nômade todo processo



(político, coletivo, individual, psíquico etc.) que traça uma linha de fuga aos aparelhos do Estado sedentário e de seus subprodutos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 129).

Considerações finais

Durante a reflexão a que nos propusemos, foi possível perceber que o trabalho desenvolvido pelo NEaDUNI, embora inicial, pois tem pouco tempo desde sua homologação como núcleo de EaD, e parte integrante da UAB- Universidade Aberta do Brasil, já desponta com um olhar diferenciado sobre questões que envolvem o processo de Aprendizagem⁵ de uma LE, uma vez que traz no seu cerne conceitos didático-pedagógicos pautados em uma base filosófica firme no propósito de fazer “diferente” e a “diferença” na formação continuada desses profissionais, que atuam na rede pública de educação como professores de LE.

É notório a preocupação em tornar os professores/alunos sujeitos autônomos nas suas práxis, capazes de criarem e recriarem ODEA que irão facilitar o processo de Aprendizagem de LE em sala de aula. Trazendo o global para o local e levando o conhecimento local para o global, por meio das possibilidades oferecidas pelas Tecnologias de Comunicação Digital.

Referências

DAL MOLIN, Beatriz Helena. **Do tear à tela: uma tessitura de linguagens e sentidos para o processo de aprendizagem.** Tese de Doutorado em Mídia e Conhecimento. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

DELEUZE, G. **Proust e os signos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **O abecedário de Gilles Deleuze.** Vídeo. Divulgado no Brasil, pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord. 1997.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995.

⁵ Termo explicado neste trabalho no item **Cartografia do NeaDUNI.**



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD

Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 26 • Nov. 2018

_____. **Mil Platôs**, 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

KAROLESKY, Mirian Lúgia Endo. **EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA**: teia e tessitura para uma práxis pedagógica contemporânea. 2015. Dissertação (Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2015.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A política de ensino de línguas no Brasil: história e reflexões prospectivas**. Texto publicado em Moita Lopes, L. P. de (org.). *Linguística Aplicada na Modernidade Recente- Festschrift para Antonieta Celani*. 2013. ISBN: 978-85-7934-074-1 São Paulo: Parábola Editorial, 2013a. p. 143-163.

_____. **O ensino de línguas como parte da macro-política linguística**. Texto publicado em: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A. de.; CARVALHO, A. M. (Orgs.). *Linguística aplicada e ensino: língua e literatura*. Campinas: Pontes/ALAB. Pontes, 2013b. ISBN: 978-85 7113-444-7 p. 47 – 73.

_____. **O papel eminentemente político dos materiais didáticos de inglês como língua estrangeira**. Texto publicado em: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. (Orgs.). *Materiais Didáticos de Língua Estrangeira; Contestações e Proposição*. . Salvador: Edufba, 2012. ISBN 978-85-2320951-3 p. 57-82.

Recebido Para Publicação em 23 de agosto de 2018.

Aprovado Para Publicação em 18 de outubro de 2018.